



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8050 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

LATTES OU LIKES? REFLEXÕES SOBRE ENSINO REMOTO, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PANDEMIA

Virginia Maria Moreira Franco Starling Luiz Barcellos - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

LATTES OU LIKES? REFLEXÕES SOBRE ENSINO REMOTO, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PANDEMIA

Em março de 2020, momento em que o lockdown é determinado pelas autoridades, eu, professora de um IES na cidade de São Gonçalo - estado do Rio de Janeiro, mediava a matéria *Atividades práticas integradoras- Mídias e Educação* para uma turma do curso presencial de Pedagogia. Formada por períodos variados, esta turma tinha como perfil mulheres entre 19 e 35 anos, residentes da cidade, professoras do ensino Básico e Fundamental privado e em sua primeira graduação. Em sua maioria, não tinham grande domínio sobre os estudos de mídia e tecnologias educacionais em geral. Com o início dos regimes especiais autorizados pelo MEC, esse trabalho tem por objetivo pensar sobre as descobertas e reflexões levantadas ao longo do semestre, na disciplina específica. Provocada por uma revisão bibliográfica formada por Derrida, Elizabeth Macedo, Alice Lopes, Gilles Deleuze, Gattarri e Alexandra Garcia, desdobrando, busco aqui refletir, passado o impacto emocional inicial, sobre as revelações que o rizoma da adaptação ao ensino remoto nos impõe, sobre as suturas resultantes de expectativas ocultas no currículo e de maneira geral, a pouca falta de entendimento ao consumirmos aparatos tecnológicos como por exemplo, um *smartphone*. Derrida (2003) alerta para a importância da responsabilidade que temos ao lidar com a nossa herança, traços imbricados em uma série de construções, podendo-nos levar ao que Garcia e Emílio (2018) entendem como *cegueira epistemológica*. Uma matéria que ao início do semestre teria como objetivo demonstrar como ferramentas como o *G Suite for Education*, Blogs e redes sociais poderiam tornar o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e inclusivo, com a COVID19 tornou-se uma lente de aumento sobre o currículo da formação de professores. Logo no início do período especial, três coisas ficaram muito claras: 1) Embora termos como *Cyberbullying*, *Fake News* e *segurança da informação* funcionem como jargões dos tempos modernos, os alunos desconheciam ou tinham poucos recursos para lidar com isso; 2) Existe um sistema de crença operando para que as redes sociais ou qualquer outra mídia lúdica seja consumida somente como entretenimento, ignorando-se o seu potencial de mediação para o despertar de uma consciência crítica e empoderamento social; 3) O currículo da formação de professores no Brasil não está preparado para lidar de maneira construtiva com as demandas dos itens 1 e 2, uma vez que, analisando a grade curricular de graduações em pedagogia no Rio de Janeiro, poucas as instituições possuem algum tipo trabalho que envolva a exploração

de mídia e tecnologia em sala de aula. Dito isso, após o acolhimento inicial, compartilhando e reconhecendo as angústias do coletivo, ao mesmo tempo construindo uma rede de apoio mútuo, definimos coletivamente a dinâmica das aulas. Começo esse período desfazendo alguns mal entendidos em torno da *Práxis*: A diferença entre *EAD* e ensino remoto, verdade e mentiras da cidadania e segurança digital. Em uma segunda fase, Com o passar das aulas, começamos a utilizar as ferramentas não só em aula, como as discentes/docentes começaram, pela necessidade e utilidade, a desdobrar os aprendizados desenvolvidos em suas aulas. Colhemos resultados e tentativas inspiradoras e positivas, porém um depoimento me deixa em estado de alerta. Ao final de umas das aulas, ao trocarmos experiências sobre os processos, uma das alunas fala: “A única coisa que não estou gostando é que os alunos não estão aprendendo nada. Conteúdo que é bom, agente não consegue dar.” Imediatamente penso: então todo o conhecimento produzido para se comunicar através de aplicativos, preencher formulários, reinventar as práticas de segurança e convívio social não são conteúdos? Dos muitos analfabetos digitais no Brasil, quantos permanecerão nessa situação após o auxílio emergencial só ser possível cadastrar através das redes? Exemplos simples como esse me fazem entender que, apesar das críticas à normatividade e hegemonia dos currículos (Macedo 2018, Castro 2016) quando temos a oportunidade de desfazer suturas e deslizar modos de atuar em sala de aula, nós professores reproduzimos o sistema, assassinamos as possibilidades da polifonia sem nem nos questionarmos o por que. Já em minha dissertação tentava entender o lugar da tecnologia em sala de aula. Defendia que, uma vez que a cybercultura atravessa a identidade da grande maioria dos alunos que hoje habitam as salas de aula, não mediar, pensar sobre coletivamente, seria de várias maneiras, não acolher a identidade do próprio grupo, contribuindo para uma falta de afeto em sala. Afinal, como posso me sentir acolhido em um lugar onde não me reconheço? Onde minhas práticas não são de alguma forma validadas? Uma das hipóteses levantadas para esse acontecimento, era uma crise geracional derivada de professores com idade a partir de 35 para se adaptar a essa era pós-moderna onde o tempo é ditado pelas conexões artificiais. Esse esforço acabou por gerar uma tradução incompleta da *Interação humano-computador* e me pergunto que outras heranças esses docentes espelham. Voltando a minha sala de aula, reencontro na minha práxis a hipótese criada a mais de 10 anos atrás. Agora que a Educação pulou definitivamente os muros da escola, talvez seja hora de recolher todos os atravessamentos, encarar o vidro de aumento da lupa e conversar. Pensar porque seguimos formando professores para serem representacionais, tentando produzir um apagamento do caráter performático no currículo, reforçando uma tentativa de controle na proliferação de sentidos. Se a teoria curricular está operando uma tentativa de controle dessas possibilidades, negando a necessidade de fluir a luta de discursos performáticos dentro de sala de aula, que assim o decida, ou que abraça a *differance* e tudo que esta pode nos fazer aflorar.

Palavras- chave: Mídia. Currículo. Pandemia. Formação de professores.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmanelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*/Jacques Derrida [Entrevistado]; Anne Dufourmanelle; tradução de Antônio Romane; Revisão técnica de Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.

LOPES, Alice Casimiro, Normatividade e intervenção política: em defesa de um investimento Radical in: LOPES, Alice Casimiro; MENDONÇA, Daniel de. *A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau. Ensaios Críticos e Entrevistas*. São Paulo: Annablume, 2016.

LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth. *Teorias de Currículo*. São Paulo: Cortez, 2011.

MACEDO, Elizabeth. A teoria do currículo e o futuro monstro In: LOPES, Alice Casimiro; SISCAR, Marcos. *Pensar política com Derrida: Responsabilidade, tradução, porvir*. São

Paulo: Cortez Editora, 2018.

MACEDO, Elizabeth. Mas a escola não tem que ensinar? *Currículo sem Fronteiras*, v.17,n.3, p. 539-554, set. 2017.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

PAGÈS, Claire & TRACHMAN. Mathieu, Uma analítica do poder –Conversa com Judith Butler, *Investigação Filosófica*: vol. 5, n. 1, artigo digital 6, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O medo dos outros. *Revista de Antropologia*, São Paulo v.54 n2., 2011. p. 885-917.

YOUNG, Michael. *Currículo do Futuro*. Campinas: Papirus, 2000.

GARCIA, A. ; EMILIAO, S. Narrativas em redes de compartilhamento de saberes docentes: possíveis alternativas à cegueira epistemológica? *Educação e Cultura Contemporânea* , v. 15, p. 325-345, 2018.

GARCIA, A. ; LEITE, V. As políticas de formação docente e Curriculares de um curso de pedagogia: em Defesa da articulação de conhecimentos e da Produção coletiva. *Revista Formação em Movimento* v.1, n.2, p.557-582, jul./dez. 2019.